

Overdose de diagnósticos de TDAH

Muitos adultos e jovens adotam o cloridrato de metilfenidato para ter boa concentração em dia de prova, no trabalho ou na escola. Sites comercializam a droga e trazem depoimentos de usuários

» LUCIANE EVANS

Belo Horizonte — Crianças confusas, agitadas, desatentas, que não conseguem acompanhar o ritmo da escola. Educadores sem preparo para lidar com alunos que necessitam de mais atenção. Pais sem tempo e cheio de dúvidas em relação à educação dos filhos. Médicos que encontram um diagnóstico para responder a todas essas questões e “sossegar” esse desespero. As “drogas da obediência”, assim chamadas as medicações Concerta e Ritalina, que têm como princípio ativo o cloridrato de metilfenidato, são receitadas para quem sofre do transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), e estão sendo vendidas para diagnósticos corretos e incorretos e até para quem sequer tem suspeita do distúrbio, conforme vem mostrando a série de reportagens do *Correio Braziliense/Estado de Minas* publicada desde segunda-feira.

Apesar de os medicamentos serem tarja preta — classificação que indica se tratar de remédio de alto risco para o paciente por ativar o sistema nervoso central (SNC) ou provocar ação sedativa, podendo causar, por esse motivo, dependência física ou psíquica — e somente comprados com receita especial, o acesso às drogas é fácil. Além das crianças, o cloridrato de metilfenidato tem sido amplamente usado por jovens que querem se dar bem em provas e por adultos que precisam enfrentar uma reunião, um concurso público ou mesmo falar em público para a apresentação de um trabalho.

Pelas escolas particulares de Belo Horizonte, é difícil encontrar uma criança que não esteja sendo medicada. “Tudo virou TDAH. Fui chamada pela escola do meu filho e me disseram que ele tem que tomar Ritalina. O ensino está cada vez mais apertado e, quem não dá conta dele, tem que ser dopado?”, questiona uma mãe, que prefere não se identificar. Seu dilema é o mesmo de centenas de pais que, neste exato momento, devem estar na sala da diretoria recebendo o mesmo diagnóstico para o filho.

Foi assim com Letícia*, hoje com 16 anos. Ela estudava em uma escola particular de BH bastante rigorosa. “Ela não conseguia acompanhar. Aos 8 anos, foi diagnosticada com o TDAH e, durante três anos, foi medicada com Ritalina. Foram os piores anos da minha filha. Ela não se adaptou ao medicamento, teve depressão e só falava em morrer”, conta Maria Isabel*, mãe da menina. Desconfiada com o medicamento que só poderia ser usado durante as aulas, sendo suspenso nos fins de semana, férias e feriados, Isabel mudou a menina da escola. “Suspendi o remédio e passei a fazer um acompanhamento com psicólogos. A autoestima dela melhorou. Hoje, faz inglês e está no 2º ano do ensino médio”, conta.

De acordo com a consultora pedagógica do Sindicato das Escolas Particulares de Belo Horizonte e especialista em educação infantil, Renata Gazzinelli, está cada vez mais comum alunos com diagnóstico de desatenção e de hiperatividade, e muitos professores não estão preparados para lidar com o problema. “Apesar de muitas escolas contarem com um corpo de psicopedagogos e psicólogos, que têm conhecimento no assunto, há as que não têm essa estrutura, dependendo da percepção de professores para os casos.” Para ela, também dificulta a observação a insistência dos pais em manterem os filhos em instituições de ensino mais rigorosas. “Muitas vezes, a criança não tem o perfil. Então, os pais devem se perguntar se o filho é para aquela escola; se não é hora de repensar uma forma mais leve de estudo. Só que a escola muitas vezes não dá

conta de lidar com essa criança. Então, falta, às vezes, esse limite das famílias. Aí, eles caem nas mãos de médicos, que estão afim de resolver o problema e pegar o próximo cliente”, avalia.

Filhos do estresse

Renata Gazzinelli diz que o número de crianças e jovens sem limites tem sido um absurdo nas instituições escolares. “Eles fazem o que querem e parecem um carro desgovernado. São os filhos do estresse. E os educadores ficam de mãos atadas, pois os cursos de pedagogia não os preparam para isso. Os professores se tornaram refém da situação e a escola se vê também em outros dilemas, com professores desatualizados, gestão frágil e escassez de bons profissionais. A família põe a culpa dos transtornos dos filhos nas escolas, mas não participam do ambiente escolar. Se não dermos as mãos, não sairemos desse círculo.”

De acordo com a psicóloga Juliana Baldo, do Setor de Psicologia Educacional do tradicional Colégio Santo Antônio, na região centro-sul de Belo Horizonte, realmente tem havido muitos equívocos médicos para o uso desse tipo de medicação. “Aqui, primeiro investigamos com cautela, pois a desatenção é causada por muitos fatores. Temos percebido que há muitas crianças sendo medicadas e cujo diagnóstico real não é de TDAH. Nosso setor de psicologia tem feito uma discussão sobre esse aumento no uso do remédio. É um fenômeno social, da educação privada”, diz.

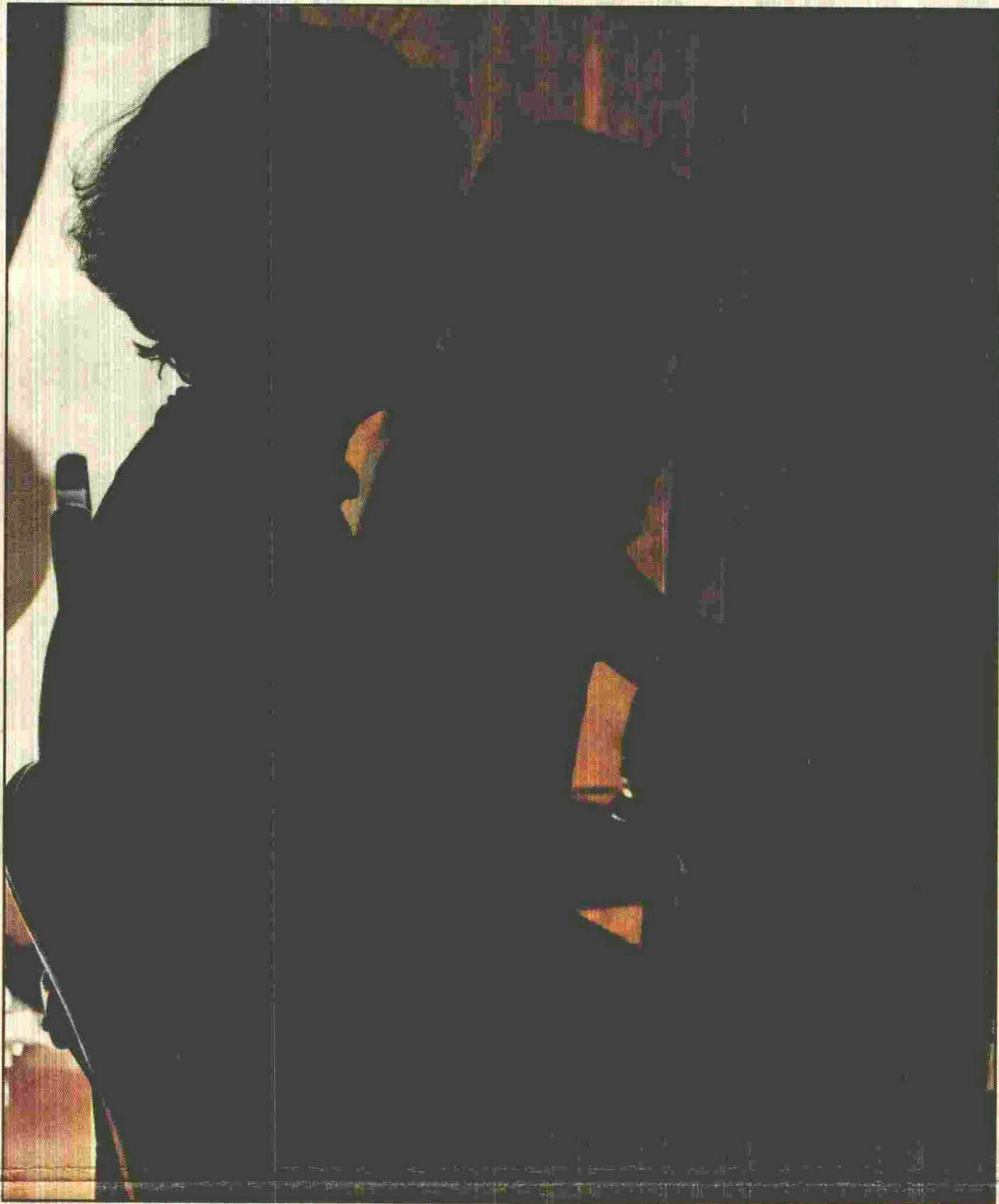
Subnotificação

Enquanto jorram diagnósticos para TDAH em meninos e meninas das escolas privadas, na rede pública, o caminho é inverso. De acordo com estudo em andamento pelo setor de psiquiatria da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), o transtorno não tem sido percebido nas instituições de Belo Horizonte e do interior do estado. “Ainda não temos a análise completa para divulgar. Mas, em uma das escolas analisadas, dos 90 estudantes examinados, de 5% a 10% apresentavam o distúrbio, mas nenhum deles estava sendo tratado. Ou seja, se está havendo prescrição excessiva, é da escola particular. Na rede pública, isso está sendo subnotificado”, preocupa-se o professor de psiquiatria infantil da UFMG Arthur Kummer, lembrando que os medicamentos via Sistema Único de Saúde (SUS) ainda não estão disponíveis em Minas, como em outros estados.

No Rio Grande do Sul, o problema tem sido o mesmo. De acordo com o professor titular de psiquiatria da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS) e professor de pós-graduação em Psiquiatria da Universidade de São Paulo (USP) Luís Augusto Paim Rodhe, estudo feito em Porto Alegre em 12 escolas públicas examinou 500 crianças com potenciais para o transtorno. “Desas, 100 confirmaram o TDAH, com prejuízos no aprendizado. Somente três tinham o diagnóstico prévio e recebiam tratamento”, pontua.

* Nomes fictícios

Alexandre Guzanhe/EM/D.A. Press

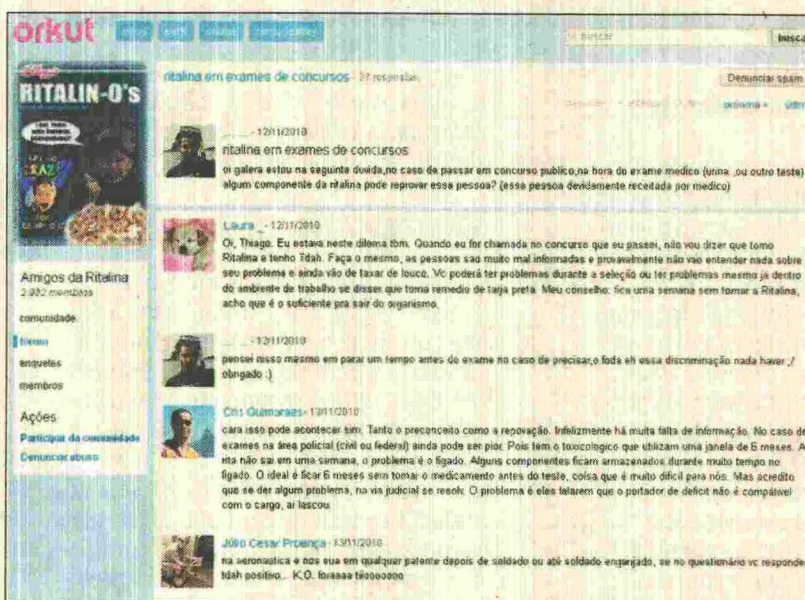


Maria Isabel* e a filha, Letícia* (nomes fictícios): a menina usou o remédio dos 8 aos 11 anos e só falava em morrer. A mãe optou por interromper o tratamento

Experiências compartilhadas

Há grupos que têm usado e abusado das “drogas da obediência” sem nenhum pudor. Basta entrar na internet para encontrar inúmeros sites vendendo Ritalina e Concerta, tendo como alvo jovens e adultos que querem se livrar do estresse do dia a dia. Eles encontraram nas redes sociais, como o Orkut, comunidades que lhe incentivam. Internautas oferecem as pílulas e contam suas experiências com os comprimidos na hora das provas. “Fiz o concurso e me dei bem. Ninguém nem desconfia que você está dopado. Pode ir sem medo”, aconselha um dos internautas da comunidade Amigos da Ritalina, com 3 mil usuários.

“Uso quando preciso estudar. Se antes gastava um dia para rever todo o conteúdo, com a medicação, em poucas horas, dou conta de todo o recado”, conta M.C.S., de 26 anos, que diz comprar a droga com um colega de cursinho em Belo Horizonte. A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) repudia o uso indiscriminado dos medicamentos e informa que a fiscalização é feita pelas vigilâncias sanitárias de cada município. Na capital mineira, os remédios já estão em falta em algumas farmácias, mas há quem diga que eles são vendidos por terceiros e sem receita. Mesmo assim, a Secretaria Municipal de Saúde informou fiscalizar os estabelecimentos e não ter tido, até o momento, nenhuma denúncia sobre o abuso.



Adultos dão depoimento nas redes sociais, como Orkut, sobre como consomem a medicação antes de provas de concurso ou importante evento de trabalho

Salvos pela Ritalina

Desde que o filho era criança, Lúcia Britto percebia a impulsividade e a dificuldade do garoto em aprender e se manter concentrado na escola. Preocupada, levou o filho a diversos médicos, de quem sempre ouvia: “Ele é apenas uma criança danada”. Pesquisando por conta própria, ela desconfiou que o filho sofria de transtorno de déficit de atenção com hiperatividade (TDAH) e procurou um especialista, que deu início ao tratamento com a Ritalina. Lúcia se envolveu tanto no assunto que hoje ministra palestras em escolas para alertar pais e professores sobre o problema. “Com 11 anos, ele fugiu de casa e passou três dias sumido. Era terrível. Se não fosse o remédio, meu filho estaria preso”, relata a mãe hoje de um jovem de 23 anos.

Para Lúcia, as dosagens atuais prescritas de uma forma geral pelos médicos são mais altas, mas ela ressalta que isso não torna o medicamento ineficaz. “Esse transtorno mexe com o caráter da pessoa. Muitos começam a usar drogas pela impulsividade. As meninas engravidam mais cedo. E o pior, eles fazem essas besteiras e não sabem por que fizeram. Hoje, meu filho está na faculdade e só toma o medicamento para estudar e fazer provas”, conta.

» Os efeitos do erro

» Os medicamentos não vão aumentar a capacidade de armazenamento de informações — eles atuam com um prazo de duração no cérebro.

» O uso sem necessidade pode causar efeitos colaterais como taquicardia, dores no peito, depressão e até perda da libido.

» Há risco de dependência psíquica e química, já que, depois de algum tempo de uso, o indivíduo precisará de doses maiores para obter o efeito desejado.

» Os estimulantes são para pacientes cujos quadros clínicos apontam a carência de dopamina e noradrenalina (responsáveis pela sensação de bem-estar) no cérebro. Para quem não sofre da falta desses neurotransmissores, o cérebro poderá criar estratégias de defesa para regular essa quantidade, o que pode resultar em dependência.